

Mandioca

Organização da cadeia produtiva

Carlos Estevão Leite Cardoso*
 Lucílio Rogério Aparecido Alves**
 Fábio Isaias Felipe***
 Enéas Santos Melo****

NA CADEIA produtiva e no mercado da mandioca e de seus derivados, chamam a atenção três fatos:

1. sua estrutura de governança;
2. concorrência por área entre algumas culturas anuais e a matéria-prima (raiz de mandioca) para farinha e fécula;
3. disputa no mercado de amido.

Os efeitos da instabilidade nos preços de uma governança não adequada às características da oferta de matéria-prima espalham incertezas e desestímulo na cadeia.

Na produção industrial de fécula e de farinha de mandioca, os modos de governar as transações com a matéria-prima (raiz de mandioca) passam pela decisão de:

- Compra no mercado *spot*, a predominante;
- Fazer a produção própria;
- Adquirir de forma híbrida entre as duas alternativas.

Há iniciativas tomadas no sentido de buscar uma melhor harmonia entre a oferta e a demanda de matéria-prima. Em 2004, mais de 60% das fecularias do Brasil (concentradas no Centro-Sul do País) fizeram contratos de compra de matéria-prima com o produtor, com fixação de um preço mínimo de aquisição, segundo o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea).

Se o volume de matéria-prima e a área envolvida são insatisfatórios e o cumprimento do contrato é rompido – atitudes oportunistas de ambos os lados –, os contratos sinalizam o caminho a ser seguido pela cadeia produtiva, na busca de uma melhor estrutura de governança para o setor.

Enquanto isso, as crises cíclicas ganham contornos diferentes. A situação conjuntural, até meados do mês de agosto de 2006, não era tão favorável, pois:

1. Embora o preço do trigo reagisse nos



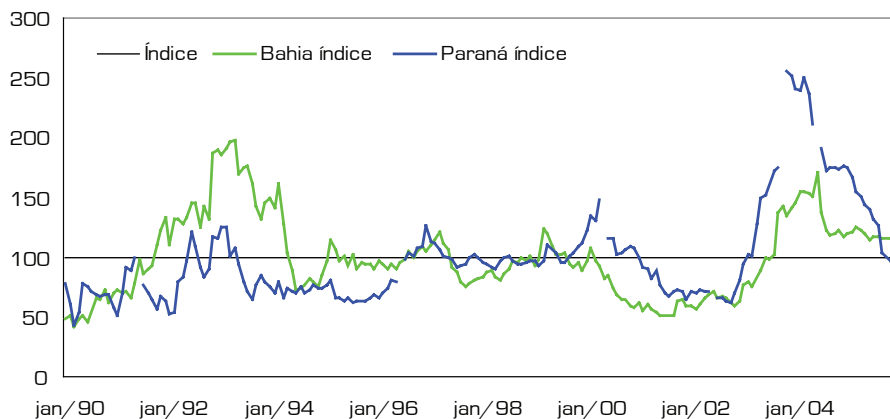
últimos meses de 2006, no pico da safra de mandioca estava em queda, com a valorização cambial, que corre para o decréscimo nos preços (em real) dos produtos importados.

2. Mesmo com uma participação brasileira não expressiva no mercado internacional de fécula, a valorização cambial também reduz a competitividade da fécula no mercado externo, com menor rentabilidade (em moeda nacional) por unidade exportada.
3. A safra tailandesa de fécula teve recuperação na safra 2005/06, com queda do preço do amido de mandioca no mercado internacional, com restrição à competitividade de exportação brasileira;
4. Os preços do milho estiveram em queda, influenciados pelo acréscimo da produção e pela redução na demanda de rações para aves, em virtude da gripe aviária. Houve pressão sobre o preço da matéria-prima do amido de milho, substituto da fécula de mandioca em vários processos industriais, quando o seu preço não está favorável;
5. Nos estados do Paraná, São Paulo e Mato Grosso do Sul, a cana-de-açúcar aumentava o preço do arrendamento e tomava área de cultivo da mandioca.

A queda no preço da fécula significa maior disponibilidade de raiz para outros fins e, conseqüentemente, queda no preço da farinha de mandioca em todo o Brasil.

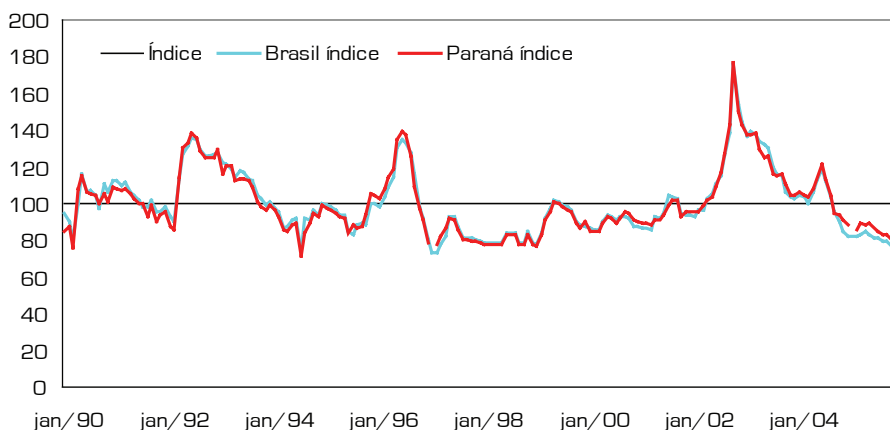
Como o preço pago ao produtor de raiz é determinado com base no preço recebido pelos derivados, subtraídos de um *markup* do setor industrial, o mercado ficou com menor sustentação. Diante de preços menores, o plantio de mandioca perde atratividade *vis-à-vis*

Bahia e Paraná: Índices de preços de raiz de mandioca



Fonte: Dados básicos (FGV, 2006).

Índices de preços do trigo



Fonte: Dados básicos (FGV, 2006).

as culturas concorrentes. A incerteza quanto a preços fica maior nos períodos posteriores.

Para a Região Semi-Árida do Nordeste, houve queda de produção na safra 2005/2006 decorrente do atraso nas chuvas de verão, mas os preços não reagiram. O quadro não estimula o plantio para a safra 2006/07. Neste sentido, poderá haver uma elevação dos preços no final de 2007 e início de 2008. A magnitude dessa elevação dependerá do comportamento dos preços no Centro-Sul, sob influência de um novo mercado, com possibilidade da adição da fécula de mandioca à farinha de trigo.

Na Região Nordeste, o efeito da seca provocou aumento de demanda pela par-

te aérea da mandioca para o arraçamento animal. Em Araripina (PE) e Arapiraca (AL), por exemplo, o preço do resíduo sólido da casa de farinha (a raspa, como é chamada na região) superou o da própria raiz. A utilização intensiva da parte aérea para a alimentação animal chega a provocar déficit no material propagativo para os novos plantios.

Há a necessidade de melhorar a estrutura de governança na cadeia. Em termos de microrregiões, a ampliação dos contratos entre produtor, indústria e compradores dos produtos finais é primordial. Os contratos que só contemplam preços mínimos ou nem mesmo esses, certamente, retardam o processo de implantação de uma adequada orga-

nização na cadeia. Alguns dos contratos negociados para a próxima safra só contemplaram a quantidade e a época de entrega da matéria-prima.

Uma ampliação dos atores da cadeia produtiva é imperativa para conduzi-la a um lugar de destaque no agronegócio brasileiro, por meio de:

- Estímulos para uma maior participação dos produtores nos fóruns de decisão;
- Da criação de câmaras setoriais em âmbito estaduais;

As organizações com atuação no âmbito regional parecem contribuir para iniciar o crescimento de um *lobby* mais forte nos setores público e privado. Os grupos de interesses são importantes aliados na formulação de políticas setoriais.

Como ação de curto prazo, buscar apoio de instituições com experiência na cadeia da mandioca nos diversos estados, com a formulação de um projeto para:

1. alocar recursos financeiros para ações de promoção e governança;
2. montagem de estratégias no sentido de aumentar a informação;
3. minimizar a instabilidade nos preços;
4. reduzir as divergências entre a oferta e a demanda.

Essas ações deverão contar com o apoio das instituições públicas, dos empresários, dos representantes dos produtores e das organizações não-governamentais.

Para finalizar, de olho no futuro, fica o risco de que, se não alterar a relação entre os segmentos produtores de matéria-prima e as indústrias de processamento (fecularias e farinhas) e destas com as indústrias que usam a fécula como insumo, os preços tenderem a repetir, ao longo do tempo, o comportamento cíclico já bastante conhecido. ■

* Pesquisador da Embrapa Mandioca e Fruticultura Tropical

** Doutor em Economia Aplicada pela Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz – Esalq/ USP, pesquisador do Cepea/Esalq/USP

*** Graduando em Ciências Econômicas pelo Instituto Superior de Ciências Aplicadas (Isca) e pesquisador Cepea/Esalq/USP.

**** Estudante de graduação do Centro de Ciências Agrárias da UFRB. E-mail: eneamelo@yahoo.com.br.